

RESENHA

HAESBAERT, Rogério. **Regional Global:** dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

Vanessa Manfio

Mestre em Geografia e Professora de Ensino Básico da Escola Tiradentes – Nova Palma/RS
E-mail: vanessamanfio@yahoo.com.br

No mundo moderno têm ocorrido algumas mudanças de percepções quanto ao conceito e dinâmica da expressão região. Sendo, portanto, significativo a abordagem desta temática, das quais o autor Rogério Haesbaert retrata no livro: Regional-Global: dilemas da região e da regionalização na Geografia Contemporânea.

Em sua obra o autor buscou entender a região e as formas de regionalização, nestes tempos de globalização, considerando o conceito de região ao longo da evolução da história do pensamento geográfico, dialogando sobre a visão dos principais autores desta linha de abordagem como: Vidal de la Blache, Sauer, Hartshorne, Humbort e Ritter.

Na introdução deste livro, observa-se uma discussão a cerca da intensificação dos processos globalizadores que resultaram, para muitos autores, em novas mudanças no cenário socioeconômico e regional, inclusive foi propagando a “desregionalização”, ou seja, o fim da regionalização, já que uma das tendências do capitalismo atual seria a homogeneização.

No entanto, o autor coloca que ao invés da igualdade entre espaços houve a proliferação de movimentos regionais devido ao fato que a globalização alimenta-se da diferenciação ou da luta de resistência por uma maior autonomia de determinados espaços de vida. Assim, observam-se múltiplas manifestações regionais, dentro da atual fase da globalização, ficando difícil propor um conceito universal sobre a região, como poderíamos fazer no passado.

Num primeiro momento, Rogério Haesbaert propõe uma análise sobre o conceito de região e suas definições ao longo da evolução da ciência geográfica. Sendo a origem do termo região associada a um recorte e/ou delimitação.

Nesta lógica, o autor aborda no primeiro capítulo, a morte e a ressurreição do conceito de região, dos quais alguns autores desconsideraram a abordagem de região, enquanto outros reforçaram o papel da região nos estudos científicos. Assim, a trajetória da região ao longo da

história do pensamento geográfico evidencia algumas fases de um rico processo construção, destruição e reconstrução do conceito.

Dessa forma, a Geografia Tradicional, sobretudo alemã e francesa, privilegiou o conceito de região em seus estudos geográficos, apresentando um viés mais descritivo dos espaços, sendo a região uma diferenciação de áreas do mundo.

Entretanto, com o desenvolvimento da Geografia Quantitativa acontece a primeira morte do conceito de região, pois esta passa a ser reduzida a classificações e a um instrumento metodológico. Numa outra abordagem da Geografia Quantitativa, dialogada por La Blache foi representada como a ressurreição do conceito de região, estando a mesma vinculada a um funcionalismo, cujo espaço é visto como um sistema de fluxos em que cada parcela ou subsistema pode desempenhar um conjunto de funções específicas – aparecem assim as regiões funcionais, e assim a região foi considerada na visão lablachiana como algo vivo.

Se por um lado a chamada Geografia Quantitativa significou o primeiro momento de morte e ressurreição da região, por outro lado a Geografia Crítica e o marxismo representaram a segunda morte da região, pois esta abordagem capitalista prega a homogeneização do espaço. A retomada da região dentro da própria Geografia Crítica se dá por duas formas: uma que enfatiza a dimensão econômica, vendo a região como um fruto da divisão territorial do trabalho, e outra vertente enfatiza a região a partir dos movimentos sociais e dos regionalismos.

A última morte da região é praticamente a mesma abordagem da anterior, dos quais acredita-se que os processos de globalização irão cada vez mais, impor uma sociedade em rede ao invés de uma sociedade territorial e regionalizada. Uma posição pós-estruturalista, no âmbito do debate regional associa a região ao lugar, partindo para novas discussões sobre a região e identidades regionais.

O resgate da região frente aos processos de globalização aparece também em diferentes abordagens dialéticas: a partir da ênfase nas formações regionais mais tradicionais, (zonas ligadas diferentemente ao Estado-nação) e em construções mais inovadoras (como as que admitem a construção de regiões descontínuas ou em rede).

A região, assim num sentido bastante genérico se torna porosa, instável e não possui limites claros e é dotada de uma variedade interna. Acredita-se que a principal inovação, nesta ênfase seja a diferenciação e fragmentação, cuja exclusão social inclui a constatação de

descontinuidades internas ou áreas dentro da região que não se caracterizam pelos mecanismos /aspectos que fazem parte dos critérios da definição regional.

De outra forma, podemos afirmar que o conceito de região e por extensão, dos processos de regionalização, são moldados dentro de um *continuum*, desde a visão mais racionalista que percebe a região como mero constructo intelectual, espécie de artifício, que permitem o entendimento das partes, até as abordagens realistas em torno de fenômenos socioespaciais de sua incorporação na divisão territorial do trabalho. Certos neopositivistas acabavam por valorizar modelos e padrões teóricos. Neste caso, a região aparece não como um fato, mas como um simples artifício, instrumento analítico do pesquisador.

No segundo capítulo do livro, o autor traz um entendimento da região, considerando-a não simplesmente como um fato (concreto) ou um artifício (teórico), mas a região como um artefato, tomada pela imbricação entre fato e artifício e como uma ferramenta política.

No que diz respeito à região como demonstrou o autor, não podemos concebê-la através de um simples recorte empírico, como uma espécie de categoria do real, nem por uma simples interpretação, por um método como uma mera categoria de análise, mas a região deve ser encarada como um recorte, um método e um campo de representações, dos quais o autor mencionado define região como artefato. Dessa forma, a região deve ser vista incorporando a multiplicidade e a complexidade de processos que marcam os arranjos espaciais contemporâneos.

No terceiro capítulo, Rogério Haesbaert traz uma abordagem dos dilemas dos conceitos de espaço, território e região. A partir de um entendimento mais claro das possibilidades de trabalho com o conceito de região e com os processos de regionalização, sendo importante destacar sua relação com seu grau de abrangência frente a outros conceitos, tais como: espaço e território.

Na discussão do autor, o território resulta de uma ação conduzida por um ator sistemático, pode ser concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder. Enquanto, espaço é a expressão de uma dimensão da sociedade, priorizando os processos em suas extensões, e coerência/simultaneidade.

Nas considerações, o autor fala que a globalização, ao invés de promover o fim da região reforça a dinâmica regional, ficando evidente o aparecimento de novas formas de regionalização

como: as regiões em rede e os regionalismos que visam manter a identidade regional. Não podemos esquecer que a regionalização pode variar, num sentido mais amplo, de acordo com as questões e objetivos que estão em jogo.

Em resumo, a região pode ser vista como um espaço-momento, dos quais a diferenciação resulta muito mais da articulação espacial em rede, complexa, amplamente aberta às transformações, cuja dominância esta marcada em termos de densidade, disposição e dimensão espacial.

Resenha recebida em dezembro de 2013 e aceita em janeiro de 2014.